

Formosa é exemplo para a América

Londres — Em sua edição desta semana, a revista inglesa **The Economist** propôs aos Estados Unidos uma atrevida fórmula para resolver o caso dos seus "problemáticos vizinhos do Sul": criar muitos Taiwás na região. Taiwás, a ilha de Formosa, desenvolveu sua economia com base no baixo custo da mão-de-obra.

A alternativa para os Estados, diz o semanário, é intensificar sua fracassada política para a América Latina ou criar uma política de livre mercado que ainda não foi discutida. A alternativa não mencionada é o objetivo de criar muitos Taiwás na América do Sul, o que significaria receber importações produzidas com mão-de-obra barata, ou seja, modificando a política norte-americana para criar, talvez, uma espécie de mercado comum pán-americano.

Os Estados Unidos, segundo **The Economist**, têm o problema da crescente imigração dos "latinos", que fogem das ditaduras ou da inflação e que criam problemas sociais ao se transformarem em mão-de-obra barata para os empresários norte-americanos. A alternativa seria criar indústrias de mão-de-obra barata dentro dos Estados Unidos, com muitos problemas sociais, ou estimular que essas empresas sejam criadas ao sul do Rio Grande, com estabilidade política como complemento.

Segundo a análise do semanário, o México é um país-chave, já que "ali existe uma classe empresarial inativa, mas essa classe não existe sequer nos pequenos países latino-americanos, que sofrem maiores horrores que o México. Para um jovem salvadorenho, por exemplo, as melhores esperanças de futuro estão no alistar-se no Exército do que se dedicar a alguma atividade produtiva".

Os latino-americanos seriam agradáveis vizinhos se fossem tão empreendedores como o Japão, a Coreia do Sul, Taiwa, Singapura, Hong-Kong ou Bermudas, que são "exportadores desesperados".

"Seria bom pensar — continua o artigo elvado de cinismo — que um corpo inteligente como a Comissão Kissinger insistisse com os norte-americanos para que abram seus mercados a importações baratas como um incentivo para a racionalidade política e o desenvolvimento econômico dos seus vizinhos pobres do Sul, mas também seria otimista".